

J. J. J. FH

COMPRA



**Semanario illustrado
de Sciencas, Lettras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Segunda-feira
7 DE OUTUBRO DE 1907

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colónias..... 400 *
Brazil (moeda forte)..... 500 *

Officinas d'impressão e composição
A Liberal - R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

OS NOSSOS

T. L.

COSTA JUNIOR
Doenças dos Olhos
R. Nova do Almada, 64, 1.º - Da 1 às 5 da tarde

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral - Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º - Das 3 às 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 às 11

A. Marques Antunes
ALFAYATE
Fazendas nacionaes e estrangeiras
Fatos á paizana e á militar
275, Rua Augusta, 1.º D. - 1.ª casa vindo do Rocio á direita.

CINEMATOGRAFOS
Vendem-se e alugam-se machinas, fitas e demais pertencentes. Para tratar: E. CUSTODIO.
Rua do Bemfazez, 110 - LISBOA.

Pharmacia do Instituto
Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, receitauario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto



*Receita
1904*

Curve-se a gente que passa
Em homenagem devida
Ao Luso artista de raça
Que á pedra sabe dar vida.

JANUARIO & MOURAO
Ourivesaria e Joalharía
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A
Compra e vende joias com brilhantes, antiguidades, pratas, barras d'ouro e moedas d'ouro e prata.

GRAVURA E FABRICA DE CARIMBOS
Chapas em metal e ferro esmaltado para escriptorios, bancos, etc.
Numeradores, datadores, sellos, timbragem, relevo a cêra, chancelas, lacres, copigraphos, tintas, bilhetes de visita e **Anéis-Sinetes** em aço, ouro e com pedra e suas gravuras.
CASA DOS BONS ARTIGOS
Adelino Lopes Pedroso
108, R. de S. Julião, 108 - LISBOA

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes

GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

Forjas americanas
De ventoinha, sendo a ultima palavra em simplicidade e economia.
Vel-as e compral-as é obra de um momento.
OS INTERESSADOS QUE SE APRESENTEM
Deposito: R. dos Retrozeiros, 35, 1.ª, D. - Lisboa



ADELAIDE CABETTE

MEDICA

DOENÇAS UTERINAS

R. da Prata, 153, 2.º

Consultas ás 2 da tarde

Francisco Gonçalves dos Santos

TABACARIA E PAPELARIA

Vinhos, licores e cervejas de todas as qualidades, sem augmentos de preços.

Passagem pelos corretores dos camarotes de 1.º ordem do Theatro do Principe Real

RUA FERNANDES DA FONSECA, 41

LISBOA

JOAQUIM REGO

ARMAZEM POPULAR

N'esta casa ha sempre grande sortimento de fazendas de seda, lã e algodão, setinetas, percales, zephires, pannos crus. Secções de retrozaria, camisaria e luvaria.

CAPAS PARA SENHORAS

Preços sem competencia

154—RUA DA PALMA—156

LISBOA

JULIO GOMES FERREIRA & C.^A

Fornecedores da Casa Real

82—RUA DA VICTORIA—88

Exposição permanente

166—RUA DO OURO—170

Installações completas para agua, gaz e electricidade.

Grande sortido de lustres em todos os generos.

A CONFIDENCIAL

Rua da Prata, 153, 2.º

BARBOSA & C.^a

Escritorio de commissões e de varios negocios de interesse publico. Empréstimos de dinheiro sobre letras e hypotheças. O fim d'este escritorio é facilitar a economia de tudo que demande tempo, dinheiro e incommodo. Trata-se de todos os assumptos e negocios de que os pretendentes desconhecem quaes os tramites a seguir quando não queiram incommodar-se ou, ainda, quando os seus affazeres lh' o não permittam.

Pedir na séde do escritorio a nota dos serviços que se prestam.

Atelier de Camisaria e Gravataria

ALFREDO MARIANNO G. DOS SANTOS

67, Rua de S. Roque, 67—LISBOA

↗ *Variado sortimento em ZEPHIRES INGLEZES* ↖

Especialidade em enxovaes para noivos e collegiaes

Peitilhos de piquet, linhos e pannos brancos

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VARIADO SORTIDO EM ARTIGOS DE MALHA

Encarrega-se de todo o trabalho de roupa branca para homem com a maxima perfeição

assim como bordados, concertos em camisas e engommados

SEMPRE NOVIDADES EM ARTIGOS ESTRANGEIROS

IMPORTAÇÃO DIRECTA

TABELLA DE CAMISAS E COLLARINHOS

Camisas com peito em pregas de zephir inglez, desde 700 a.....	1500 réis
Camisas com peito em pregas e com punhos de zephir inglez, desde 800 a.....	15200 "
Camisas todas de zephir inglez, sem collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15100 a.....	25000 "
Camisas todas de zephir inglez, com collarinho, com peito em pregas e com punhos, desde 15200 a.....	25000 "
Camisas com peito liso em bretanha de linho, desde 900 a.....	15200 "
Camisas com peito em pregas em bretanha de linho, desde 15000 a.....	15600 "
Camisas para casaca, com peito em piquet, desde 800 a.....	15600 "
Collarinhos em bretanha de linho, voltados para baixo e direitos, desde....	150 "
Collarinhos em bretanha de linho, ida e volta e de pontas, desde.....	160 "
Punhos em bretanha de linho de qualquer feito a.....	250 "

Todos os trabalhos são executados com a maxima perfeição

Azulejos

SEGUNDA-FEIRA, 7 DE OUTUBRO DE 1907

I.ª Série — N.º 3

SUMMARIO

Chá e Torradas, por João Pacifico.
Notas scientificas : — *Chronica* — *Identificação pelas dedadas* (Dactyloscopia), por Xavier da Silva.
O alcoolismo, por João Semana.
Espiritismo — *A defeza dos judeus*, (Continuação) pelo conego Alves Mendes.
Mascaras illustres (Antonio Nobre.)
Gazetilha — *Ferros curtos*, por Lamparina.
A nossa estante
A nossa pagina musical
Prosa e Verso — *O phantasma da Alameda* (continuação), por D. Maria M. Gondomar.
Tarde de estio, por Marco Sire.
Epigramma, por Lamparina.
Illusões perdidas, (Continuação,) por Eduardo Sarmiento.
Jeremias e o rabeção, por Jorze.
Portugal pittoresco — Entrada dos barcos da pesca — Pova de Varzim
Jamais, por Arthur Sanches.
Hippismo — *Etymologia da palavra picador*, pelo professor João Gagliardi.
Cumulos.
O pirata, por Marco Sire.
Presentes do diabo, por Klétus.
Motte glosado, por Bento Mantua.
Semana a lapis, por A. Lacerda.
Semana alegre
Da Geral — *Theatros e circos*, por Romanol.
Contheudo d'um bilhete postal.
Vida sportiva — Carta de José da Costa Braga.
Regata de Cascaes, por Box.
Variedades — *Bolo Lamparina*.
Posta restante
Qual é a coisa, qual é ella? — *Secção charadistica*.

Capa

T. L. — caricatura
Azulejos — Valsa de Luiz Andermath da Silva.

Aos assignantes da provincia e pessoas que não teem devolvido os numeros enviados, pedimos a fineza de nos remetterem a importancia das assignaturas em VALE DO CORREIO ou ESTAMPILHAS, afim de não soffrerem interrupção na remessa do AZULEJOS.

A's pessoas a quem enviamos o nosso Semanario pedimos a fineza da devolução, caso não queiram honrar-nos com a sua assignatura.



AGUAS MINERAES

DA

Fuente Nueva de Verin

(ESPIDO)

As melhores até hoje conhecidas para combater as doenças da bexiga, fígado, estomago, rins, etc. Já bem conhecidas por muitas pessoas que d'ellas teem feito uso.

A' venda em muitas pharmacias e drogarías

Grandes descontos para revendedores

Deposito geral para Portugal e Colonias

Drogaria de Silverio Ferreira da Costa — 229, Rua da Prata, 231 — LISBOA

NO PORTO — ANTONIO MARIA RIBEIRO — RUA S. MIGUEL, 27-A

DACTYLOSCOPIA

(Identificação pelas dedadas)

THESE INAUGURAL do medico XAVIER DA SILVA

Descripção minuciosa do processo — Maneira d'obter as impressões dos dedos — Processos de classificação — Analyse do Processo Bertillon — Casos portuguezes de reconhecimento pela Dactyloscopia, etc.

Este livro que é o unico escripto em lingua portugueza sobre o systema Galton-Henry, torna-se, em virtude da nova reforma dos Postos Anthropometricos, de reconhecida vantagem e precioso auxilio para aquelles que teem de fazer identificações e lidar com impressões digitaes.

A «Dactyloscopia», escripta após dois annos de estudo no Posto Anthropometrico Central de Lisboa, ensina o modo de obter as impressões dos dedos, a maneira de as classificar, arrumar e procurar no armario archivo; encerra uma critica ao systema anthropo-signaletico de Alphonse Bertillon; descreve os processos adoptados no Posto de Lisboa, etc.

Por tudo isto é um livro recommendavel aos srs. funcionarios encarregados da identificação criminal.

Livraria Nacional e Estrangeira

DE

JOSÉ ANTONIO RODRIGUES & C.^A

Rua Aurea, 186, 188 — LISBOA

COMPRAR

Semnario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'Impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
7 DE OUTUBRO DE 1907

CONDICÕES d'ASSIGNATURA
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

NUMERO AVULSO 20 REIS



E TORRADAS



As duas cousas de que sempre tive medo: toiros e trovões.

Por mais esforços que fizesse não conseguia ir a uma tourada senão para camarote de segunda ordem, e, ainda assim, estava sempre desconfiado, porque me contaram, e sei que foi verdade, uma bella tarde, um dos bichos saltou á trincheira e, depois, entendeu que devia ir dar um passeio pelo corredor dos camarotes.

Eu nem quero pensar no que me aconteceria se desse de cara com um figurão d'aquelles; seria, com certeza, cousa muito extraordinaria que, talvez, me obrigasse a sair immediatamente do divertimento e a partir no primeiro carro, tendo o cuidado de ir de pé na plataforma para evitar maiores complicações.

E, por me sentir sobresaltado durante as touradas, resolvi não voltar lá, tendo mantido este proposito ha muitos annos. E' a unica maneira de estar socegado e não ter o coração aos pulos durante duas horas.

Mas, se me livro d'este grande medo dos toiros, que nasceu comigo e comigo ha de morrer, não indo a logar algum onde seja possivel o apparecimento de taes bicharocos, com os trovões não me succede o mesmo.

Eu presinto as trovoadas; duas ou tres horas antes de começarem as descargas, já eu estou em tremeliques; mas para que me serve esta previsão do terrivel phenomeno? Para nada, absolutamente para nada.

Por exemplo:
 O equinoxio d'este anno foi para mim um verdadeiro horror.

O primeiro tremelique, que me annunciava a approximação das descargas, senti-o ao meio dia e até ás duas e meia da tarde estive aos pulos, a tapar os olhos por causa dos relampagos, os ouvidos por causa dos trovões; mas como a trovoadá não era só uma, as mãos não me chegavam e, pela primeira vez na minha vida, tive pena de não ser macaco. Quando a fuzilaria electrica chegou ao maximo já eu não sentia cousa alguma. Tinha caído sem sentidos, quasi em estado comatoso e o medico que foi chamado a toda a pressa, apenas entrou no quarto em que jazia, receitou um banho de tina, em agua á temperatura do corpo, com bastante sabonete e alguma essencia de rosas.

Era quasi noite quando recuperei o uso da falla e consegui... adormecer.

Maldito equinoxio!

.....

.....

.....

E que me dizem ao raid hippico?
 Em 17 dias, 2 horas e 20 minutos, o vencedor, tenente Beltrão, teve a habilidade de percorrer 1.360 kilometros; e não foi só elle, porque apenas com a differença de 8 minutos, o alferes Callado e tenente Silva Reis chegaram ao ponto de partida.

Com franqueza não sabemos a quem admirar mais, se os cavalleiros, se os cavallos! E todos frescos como alfices!

Eu, quando os vi partir da Avenida, avaliando-os por mim, deixei cair uma lagrima, volumosa como um punho cerrado, e pensei, enquanto a lagrima me deslisava pelas faces:

«Nunca mais os torno a ver!»

Não me cabia no bestuno a ideia de que uma pessoa pudesse estar escarranchada em cima d'um cavallo o tempo preciso para andar 1.360 kilometros, e calculava que os briosos cavalleiros prefeririam morrer a desistir da prova. D'ahi as minhas lagrimas e a minha tristeza ao ve-los desaparecer ao longe.

Pois enganei-me redondamente e ainda bem; mas não admira que eu de sport hippico tenho na minha folha de serviços uma passeiata, em burro, de Cacilhas á Cova da Piedade complicada de dois tranbulhões dos mais respeitaveis, um de lado e outro de frente, não tendo esmurado as ventas n'este ultimo porque, por felicidade, foram d'encontro a uma cousa molle que se destacava no meio da estrada com uma bella côr de gemmas d'ovos. Creio que era uns restos de leite crême que havia sobejado d'um lunch de casamento.

Ora um cidadão que pratica d'estas facanhas e entra n'um raid d'esta força, claro está que é capaz de andar as estopinhas, contanto que seja nos machinhos pretos, que embora não sejam capazes de devorar milhares de kilometros, andam sem difficuldade milhares de metros e a prova é que vem de longe, todas as semanas, para ter o prazer de cumprimentar as nossas amaveis leitoras e pedir-lhes desculpa de as ter massado mais uma vez com um chá muito fraco, tendo certo cheiro d'enxofre, resultado dos raios e dos coriscos que esfuziavam pela atmosphera nos ultimos dias, e umas torradas que os aguaceiros, espapacaram de tal modo, que não prestam absolutamente para nada.

Mas, atraz de tempo, tempo vem, e nem sempre a atmosphera se apresentará ennevoadá e sombria como nos ultimos dias de setembro e primeiros do corrente.



NOTAS CIENTIFICAS

CHRONICA

Identificação pelas dedadas

(Dactyloscopia)

II



designação de arco, colchete e turbilhão escolhida para as figuras typos das extremidades dos dedos, está absolutamente conforme com o feição d'estes desenhos.

No colchete as linhas entram por um dos lados, curvam no meio e saem pelo mesmo bordo, um pouco mais abaixo.

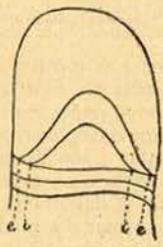


Fig. 4

O arco é como que um colchete aberto, onde as linhas de saída, se esgueiram pelo ponto fronteiro ao de entrada (Fig. 4) Se alguém pegar n'um gancho de cabelo e exercer uma leve pressão nas suas extremidades, terá, assim, obtido um esboço do arco digital.

A figura turbilhão pode phantasiar-se lançando uma pedrita na superfície quieta da agua e notando as circumferencias concentricas, resultantes do choque.



Fig. 5

O arco é dos tres desenhos o menos frequente, seguindo-se-lhe o turbilhão e, finalmente, o laço ou colchete. Tenho tambem notado que os maiores criminosos, taes como assassinos, incendiarios, etc., tem predominancia do typo e sub-typo turbilhão, dando-se outro tanto — mas em menor escala — com os individuos atacados de loucura.

Os portadores em que abundam as restantes figuras typicas e suas derivadas, são, criminalmente, os auctores de pequenos delictos.

São desenhos sub-typicos: o *velamen* ou *tenda* (Fig. 5) — o *colchete radical e cubital*, a *bolsa central*, (Fig. 6) a *lateral* e os *gemeos* (Fig. 7). A figura que differe de todas estas convencionou-se chamar-lhe *compositum* ou *fortuito*.

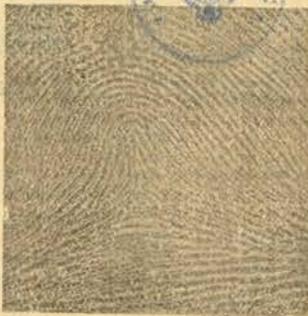


Fig. 6

Conhecidas estas marcas digitaes, onde podem tomar-se milhares de pontos de referencia, qualquer está habilitado a fazer um reconhecimento.

O methodo é infallivel e cheio de simplicidade.

Empregado com segurança pelos antigos soberanos do Japão, que firmavam documentos estampando n'elles a mão direita suja de sangue ou tinta vermelha; pelos chinezes que, nos contractos de compra ou venda de propriedades, imprimiam em cêra as impressões dos pollegares dos negociantes; por William Herschell governador de Bengala que, n'um periodo de vinte a trinta annos, as empregou nas prisões da India; utilizadas ainda pelos oleiros romanos, que assignavam os seus trabalhos com a marca do pollegar direito, bem merece os fóros de processo d'escolha, n'uma epocha, em que todos os outros falham, mesmo o de Bertillon, que, apesar de todos os encomios e réclamos, nos leva ao commettimento de erros graves.

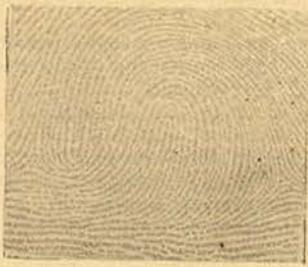


Fig. 7

O uso da dactyloscopia em Portugal, tal como está decretado, para nada serve, é necessario fazer uma lei util, é urgente alargar o ambito acanhado e... comico, onde a encerraram.

O que fica dito não carece de provas, mas, em breve, quando voltar ao assumpto, esmiuçarei estas affirmações.

XAVIER DA SILVA

O ALCOOLISMO

Uma trindade devastadora vae dia a dia escravizando a humanidade a passos gigantescos, zombando de tudo e todos, galgando impunemente as peias com que a sciencia pretende obstar á sua malefica invasão.

Syphilis, tuberculose e alcoolismo, eis as enfermidades que maior contingente fornecem para o obituario do nosso paiz e do mundo inteiro!

O alcoolismo, apresenta-se-nos comovicio aviltante e factor da maior importancia no definhamento e inutilização d'um povo, porque o individuo alcoolico não se limita apenas ao seu mal, mas acarreta a desgraça dos seus vindoiros.

E' por demais conhecido que o filho do beberão é a triste victima inconsciente do vicio de sua pae!

Estudos feitos sobre a hereditariedade, em familias de alcoolicos, mostram da maneira mais frisante e cathgorica, que os accidentes pathologicos vão aumentando em gravidade de paes para filhos até destruir por completo essas familias.

Os hospitaes de alienados tem uma grande parte da sua população constituída por bebedores, pelos filhos e parentes de alcoolicos, pois que o alcool ataca de preferencia o systema nervoso, produzindo desde o simples desequilibrio das faculdades intellectuaes até á idiotia e imbecillidade, isto acompanhado das mais horrosas deformações corporaes, que provocam a compaixão dos extranhos e, tantas vezes, o remorso dos progenitores.

Mas, não pára aqui o lugubre cortejo!... O assassino, o pederasta, o ladrão, a mulher perdida, o surdo-mudo, o cego de nascença, o desordeiro, o paralytico, etc., são no seu maior numero os herdeiros de um viver de bohemia e noitadas pelas tabernas, que seus paes lhes legaram.

Posto isto, que vantagens offerece o alcool para se usar e abusar d'elle d'um tal modo?!

Nenhumas.

Ilude-se redondamente o nosso operario e o trabalhador de campo procurando eriar forças no habito inveterado de *matar o bicho*; engana-se por completo todo aquelle que, acabrunhado por um desgosto grande, busca no alcool lenitivo á dor que o tortura. Se de facto o primeiro effeito da bebida é excitante, os que se lhe seguem são deprimentes, e o individuo queda-se n'um estado de prostração difficil de vencer: todo o ebrio sabe que no dia seguinte a uma embriaguez está derreado.

E' mister que o povo abandone para sempre a ideia de que o alcool fortifica e activa o trabalho de cada um.

Mas, então, o alcool não alimenta?

Ainda aqui a resposta é negativa, pela razão singela de que não é um alimento.

Se algumas bebidas como o vinho e cerveja tem algumas propriedades nutritivas não as devem ao alcool, mas aos corpos azotados, á glycose e alguns saes que contem.

Ha pessoas que nunca provaram vinho ou qualquer bebida alcoolica e, não obstante são de constituições robustissimas; ha até estatisticas provando que estes individuos são exactamente os que mais vivem.

Ainda a acção antidesassimiladora que muitos attribuem ao alcool é, actualmente, objecto de vivas discussões. Do que não resta a menor duvida é da toxicidade alcoolica.

Ninguém contesta que o alcool é um veneno actuando sobre a cellula nervosa, produzindo ao principio tremôres, vertigens, embrutecimento e acabando pelo *delirium tremens*; produz desarranjos no funcionamento do aparelho da digestão como é por exemplo a cirrose do figado; ataca os rins e ainda o baço, etc.

Se do alcool não provém beneficio algum mas unicamente o mal, devemos pô-lo de parte e não vivermos enganados. E' necessario que os governos não continuem a proteger o alcoolismo e lancem, quanto antes, impostos severos sobre as chamadas bebidas de guerra.

Prohíba se a importação de bebidas alcoolicas levantando-lhes o imposto.

Augmente se o imposto no alcool e diminua-se, em compensação, nos alimentos que todos precisam por serem essenciaes á vida; castigue-se com rigor o que bebe alcool por gosto, porque além de ser inutil é prejudicial á sociedade.

JOÃO SEMANA.

ESPIRITISMO

A DEFEZA DOS JUDEUS

Comunicação attribuida ao erudito orador sagrado que em vida se chamou

ALVES MENDES

(Continuação)

II

De todo o seu ser evolva-se um perfume de pureza inegalavel; uma luminosidade cariciosa o nimba; e nós ao contemplal-o sentimos a inefavel consolação que só nos é dada pela felicidade inteira e tranquilla da nossa admiração e do nosso amor.

Desde, porém, que a traição da amizade o entrega á injustiça e ao odio humano e que de actor emocionado passa a ser victima, actor emocionante, a sua vida começa a ter a solemnidade da tragedia suprema, e a nossa alma confrange-se, arrepella-se, amesquinha-se, como se fosse comparte na injustiça maxima que enodou a humanidade.

Enodoou!! E enodoaria?!

Para que veio Jesus ao Mundo?

Para o redimir.

Como havia de redimi-lo?

Deus o sabia.

E Christo que foi, é e será o maior espirito que mergulhou na treva da carne, não podia ser uma entidade desconhecida do Pae.

E' isto incontroverso.

Sendo assim é obvio que tudo que lhe succedeu, tinha de succeder.

Era o pae quem o queria. Era indispensavel que fosse.

Tinha de nascer humilde e ignorado; ser perseguido antes de nascido, e de

passar na terra por modo que essa passagem se assignalasse pela maneira mais inconfundivel, mais emocionante, mais horrivel que a olhos humanos é dado ver e ao pensamento é dado abranger.

Se se não destacasse em tudo do commum da humanidade não seria mais do que os outros homens, confundir-se-hia como os dias se confundem, como se confundem duas gottas d'agua; e d'elle não resultaria exemplo nem memoria que ultrapassasse na razão humana o limite que se concede ao possivel das acções extraordinarias.

Logo os que o mataram injustamente foram instrumento—mero instrumento—dos designios de Deus; foram a causa de que Elle se serviu para gravar indelevelmente na consciencia universal e eterna a palavra que transmittia ao homem pela bocca tremula do seu filho amado.

Mascaras illustres



Antonio Nobre

Deus queria transmittir ao mundo pela palavra que fallasse á vista, a ideia do amor ao proximo até ao sacrificio maximo; da humildade e da resignação até á miseria maior de nascer nas palhas de um estabulo, viver da esmola quotidiana e morrer injustamente suppliciado pelas suas doutrinas, no lugar de um Barrabás ladrão.

Não podia o Pae ter evitado isso?

Podia.

Não o evitou; — porquê?

Porque queria que fosse assim.

Jesus reconheceu-o quando na hora d'amargura disse:

«Pae faça-se a tua vontade!»

Ora se era a vontade do Pae, para que amaldiçoarmos o povo escolhido para executor d'aquella divina vontade?

Sem o acto maldoso e injusto da crucificação de um justo e innocente, não se completaria a redempção da humanidade.

As ideias do Christo, sem terem sido argamassadas com o sangue generoso do seu evangelizador, não teriam resistido, não se teriam espalhado, incrustado na propria humanidade, como germen santificado de tudo quanto ha de grande, de altruista, de livre, de puro e santo.

A consciencia humana assim o comprehendeu glorificando a cruz, que foi o instrumento ignominioso do supplicio.

(Continua).

GAZETILHA

Ferros curtos

Quem as quintilhas assigna,
Mui grato á gentil auctora
Do holo de Lamparina,
Beija a mão pequena e fina
A' supradita senhora.

O petisco é um consolo,
Do sabor tem os segredos,
Direi mesmo, sem ser dolo,
Que este holo não é holo
E' pera lambe-lhe os dedos.

E se vocencia s'enfeita
P'ra nova remessa prompta,
Em logar d'uma receita,
Mande-me a obra já feita
Porque me sae mais em conta.

LAMPARINA

A Nossa Estante

Recebemos e agradecemos o livro de versos *O Gladiador*, que o seu auctor Ex.^{mo} sr. Oscar de Pratt, quiz dar-nos a honra de submitter á nossa apreciação.

Vamos lê-lo e, depois, exporêmos a nossa opinião franca e sincera.

A nossa pagina musical

Recebemos e agradecemos a Valsa que o Ex.^{mo} sr. Luiz Andermath da Silva nos enviou com o titulo do nosso semanario e dedicada a um dos nossos collegas da redacção.

Sentimos profundamente que ella não seja inedita, o que por fatalidade só descobrimos á ultima hora e depois de imprensa a capa d'este numero.



O phantasma da Alameda

A minha Mãe

Conto de Maria Magdalena de Gondomar

(Continuação)

—Eu não, mas ali o meu sogro, esse é que sabe tudo do principio ao fim. Conte lá pae, o pae sabe fallir melhor que todos nós.

—Contarei, já que V. Ex.^a tem tanto interesse em ouvir a historia do phantasma; mas o melhor é chegar-nos mais para a lareira.

Todas se levantaram, dando as mulheres graças a Deus, como é ainda uzo n'algumas das nossas provincias.

Por felicidade, a agua não repassara a charuteira de Alfredo, do que elle se certificou com alegria, acendendo um dos seus excellentes charutos e offerecendo alguns aos homens presentes.

Depois do socego estabelecido o ancião começou.

—Corria o anno de 1855, quando veio fixar definitivamente residencia no palacio, o senhor conde, como por cá o chamavamos, com respeito.

Abandonára a côrte, onde nunca mais pôde ser feliz, pois como devotado miguellista que era, odiava todo aquelle que se assentava

no throno, a não ser o seu rei. Vinha ralado de desgostos pela recente morte da esposa, uma santa senhora, acontecimento simultaneo ao falecimento do filho varão.

Por esse tempo, era eu ainda rapazote, mas lembro-me bem de o ver, e de lhe tirar o chapéu.

Acompanhava-o um filho, o unico que lhe restava, rapaz de vinte e dois annos, bonito e elegante, que até dava gosto olhar para elle.

Olhe, senhor, que eu sei bem estas coisas, porque um irmão meu, o mais velho, que tambem já lá está na terra da verdade, era criado particular do visconde e talvez o seu melhor amigo.

O visconde, andava sempre á caça, ou então a cavallo por esses caminhos fóra, outras vezes passava os dias no quarto a ler ou a escrever. Decorrerem dois annos. Subitamente, o senhor Luisinho, mudou completamente; sahia de manhãzinha recolhendo só ás Ave Marias.

O pae uma occasião, disse-lhe que era demais elle passar todo o santo dia por esses vales, sem que as mais das vezes trouxesse para casa um simples passarito, pois nem a espingarda trazia descarregada e bem se via que o não fóra n'aquelle dia.

O senhor visconde, lá deu as suas razões, e continuou a sahir, porém, já não levava a caçadeira, ia a cavallo, tendo sempre o cuidado de levar nos coldres um par de pistolas.

O conde, começou a desconfiar de taes passeios: e tanto que chamou um dia meu irmão, que Deus tenha, para lhe perguntar para onde o visconde se dirigia todos os dias e algumas noites depois de todos recolhidos.

Meu irmão, tinha muito respeito ao velho, mas a amizade que dedicava ao senhor Luisinho, era muita, sendo portanto incapaz de o trahir.

—Grazia V. Ex.ª que de nada sei.

—Pois bem; quero saber o motivo das frequentes saídas do senhor visconde, e tu como seu criado particular, podes facilmente sabe-lo. Logo que o tenhas conseguido, vem communicar-me; e cuidado com o muito fallar, se dizes a teu amo, ou seja a quem fór, o que acabo de te dizer, mando zurzir-te com um pau, e vaes para a rua. Cuidado, muito cuidado.

Meu irmão, retirou-se e apezar das ameaças do velho, que era mau como judas, logo que o amo chegou, tudo lhe disse.

O pobre rapaz, ao ouvir o que o meu José lhe contou, ficou muito transformado; depois de pensar um bocadinho, ergueu bruscamente a cabeça, fitando muito meu irmão e perguntou.

—E's meu verdadeiro amigo?

—Se sou seu amigo, senhor visconde! para a vida e para a morte, mande V. Ex.ª de mim seja o que fór, que só se eu morrer, deixarei de cumprir as suas ordens.

Posso portanto confiar na tua dedicação? é sincero no que dizes?

—Pela alminha de minha mãe, o juro a V. Ex.ª

—Obrigado, meu amigo, obrigado, disse o visconde estendendo-lhe a mão.

O pobre rapaz, ficou de tal modo surprehendido com semelhante honra, que até chorou, ao apertar aquella mão que se lhe estendia, olvidando orgulhos fidalgos.

—Agora José, vou incumbir-te de uma missão de maior segredo:

Para meu pae não desconfiar, amanhã dirijo o meu costumado passeio para outro sitio, pois é provavel que mande algum creado espiar-me, e tu logo que o luar nasça, d'agua a duas horas, partes com uma carta minha, para o lugar que eu te vou indicar. Manda já tratar do meu cavallo que vem cansado e espera-me no fim da Alameda que lá irei ter contigo. O maior silencio da tua parte é que eu espero, pois não terás de te arrender por me seres fiel.

—Pode V. Ex.ª ficar descansado.

Passada a meia hora, o fidalguinho estava na Alameda, onde meu irmão já o esperava.

—Estás prompto para partir?

—Saiba V. Ex.ª que sim, nem espero pelo luar, posso ir já, escusa de ninguém me conhecer.

—Sim, tens razão, vou indicar-te o teu destino; sabes aonde é a quinta das Choupas?

—Sei perfeitamente.

—E sabes a quem pertence?

—A um militar já velho, que costuma vir de vez em quando, em companhia de uma filha que é linda como o sol, passar dias e até mezes n'aquella solidão. Dizem que a quinta é a maior d'estes sitios.

—Pois bem, meu amigo, tu vaes agora aos Choupas, mas é preciso que de madrugada estejas de volta.

—Antes, muito antes de romper a manhã estarei de regresso.

—Vê bem, meu amigo, olha que são duas boas leguas que tens de percorrer e o caminho não é dos melhores, principalmente de noite.

—Não faz differença, são 10 horas, ás duas já heide estar no meu quarto.

—Tu sabes um caramanchão de rosas e mardresilvas, que deita sobre a estrada?

—Conheço muito bem, mesmo ao lado ha um carvalho tamanho, como se não conhece outro igual, por todos estes sitios mais proximos.

—Exactamente; esse carvalho de um lado do tronco, muito dissimulado pelas trepedeiras do caramanchão, tem uma cavidade, tu chegas, tiras um punhado de musgo e introduzes-lhe esta carta, tapando novamente o orificio com o musgo que traste; apóz esta operação, nada mais tens a fazer, do que voltar. E batendo-lhe amigavelmente no hombro: Vaes meu amigo, vaes e que Deus te acompanhe.

Meu irmão, de madrugada estava de volta, tendo deixado a carta no lugar indicado.

Luiz, ficara todo o dia junto do velho conde, não deixando transparecer a anciedade que lhe ia na alma.

O fidalgo, quasi dissipadas as suspeitas que nutria a respeito do filho, recolheu cedo aos seus aposentos, deitando-se tranquillo.

Luiz, tambem se retirára, para o seu quarto, mas não se deitára.

Encostando-se á varanda, accendeu um charuto e ficou-se esperando que o palacio recalis-se em completo silencio, e assim que vio apagadas as ultimas luzes dos quartos dos creados, voltou para dentro, tirou de uma gaveta uma escada de corda, dependurou-se na janella e n'um instante estava na Alameda.

José já o esperava. Acercou-se-lhe, dizendo muito commovido:

—Meu fiel amigo, vaes, volta breve, e traz-me boas novas. Logo que regresses, dirige-te para debaixo da janella do meu quarto, assobia de qualquer modo especial e então deitar-te-hei uma escada de corda, por onde subirás.

Meu irmão partiu, e o visconde pela mesma forma que saira, entrou no quarto.

Ainda o dia vinha em casa de Deus, já meu irmão estava de volta. O senhor Luizinho, que se não deitára, lançou a escada por onde José subiu.

—A carta, a carta... dá-ma já.

Meu irmão, entregou-lhe uma carta, que elle quasi lhe arrancou da mão.

Para melhor V. Ex.ª comprehender a historia d'estes infelizes amores, eu vou buscar a carta de que estou falando, e que depois da morte do pobre Luiz, meu irmão encontrou cahida no quarto d'elle e para que ninguém a profanasse, lendo-a e rindo-se talvez depois, apoderou-se d'ella, conservando a sempre como reliquia sagrada. Tendo a eu tambem sempre assim conservado. Vou busca-la, pois estou certo que V. Ex.ª não zombára de tamanha desventura.

O ancião, encaminhou-se para o interior da casa.

(Continúa.)

Tarde de estio

Cae o sol como um látego brilhante nas plantas abrazadas, sequiosas! Rumorejam as noras vagarosas e a aragem que perpassa é suffocante!

No campo ouve-se a espaços um descante; segadores de faces sanguinosas, empilham em paveias numerosas as espigas do trigo loirejante.

Entre os ramos das arvores frondentes espreitam lindos fructos sazonados, Cobertos pelas folhas viridentes.

Ha zumbidos no ar! Pelos relvados as doiradas abelhas diligentes colhem mel nos hastis embalsamados.

(Dos Esbocetos, no prélo)

MARCO SIRE

Epigramma

A morte, segundo dizem,
Tem loja de cangalheiro;
E' um medico o marçano
E um boticario o caixeiro.

LAMPARINA.

ILLUSÕES PERDIDAS

EDUARDO SARMENTO

Continuação

Se podesses mãe querida, voltar para mim que felicidade! que «ventura!!

«Ao dares-me á luz e ao depores-me n'este tão ingrato mundo, quem vos «havia de dizer, vulto adorado, que apenas «os meus primeiros passos havias de dirigir, que apenas as minhas primeiras «palavras havieis de pronunciar; que «apenas os meus primeiros pensamentos «por ti seriam comprehendidos!?!...

«Quaes os teus pensamentos ao dares-me á luz?... não m'os disseste, não! «todavia, advinhei-os!...»

«Não é verdade, mãe querida, que o «teu desejo foi tornaes-me mulher como «tu o fóras até então, cheia de intelligencia, cheia de capacidade com todos os «dotes que tão necessarios se tornam ao «ente fragil,—que é a mulher?!

«Não era do teu desejo seres tu o meu «guia; a minha mestra, pois que outra te «não podia equalar?.....»

«Recordas-te, que as minhas primeiras «orações foste tu quem m'as ensinou?

«Não vias então, como eu as aprendia! «como tão bem as decorava? Porque não «continuaste mãe adorada?! Para que «me deixaste? Para que morreste?!...

«Pois, se soubeste ser mãe, porque te «não conservaste para amparo de tua filha?

«Todas estas interrogações, ente jamais «olvidado eu formulava depois de tua «morte; eu formulei ainda annos depois; «hoje, porém, não formulo!

«Sou mulher — dezoito annos — e, como mulher comprehendo que, se podesse ser mãe, não podias ter a vida nas «tuas mãos, pois que ella não te pertencia, mas sim a Deus, a esse Deus que «de pequenina me ensinaste a conhecer.

«Sim! comprehendo e lastimo!!

«Oh! Se te beijasse!.....

«Era pequenina quando, a morte te arrebatou! foi ha muitos annos, mas conservo as tuas feições, o teu cabelo, e a tua figura esbelta, — figura que eu quizera ter, — tão nitida que por momentos julgo vêr-te, julgo possuir-te?!

«Illusão dulcissima porém! Se o mundo assim se compõe!....

«Se te houvesse seguido na descida ao «tumulo, seria tão ditosa! Acompanha-me-te!...

«Deixaste-me por amparo um pae, — «pae dilecto — que me estremece, que «revê talvez em mim o passado, mas diz «mãe querida, haverá amor que possa «supplantar o teu?

«Haverá amor como o de mãe?!...

Continúa.

Jeremias e o rabeção

Quem não conhecia na aldeia o mestre Jeremias?! se era elle o senhor *doitôr*, que, sem cursar Universidades, a qualquer doença punha entraves, com a applicação de milagrosas *banhas de cheiro*?! elle, que ferrava bestas, nas horas que a *clínica* lhe deixava livres?

Não era um *home*, era um Deus na bocca de toda a gente.

Jeremias, tinha porrem, um fraco: a musica. Esta absorvia-lhe toda a sua attenção e os seus clientes bipedes e quadrupedes podiam attesta-lo, pois que ao ferrar estes ultimos, tinha sempre uma polka, uma valsa que trauteava com acompanhamento do martello sobre o cravo.

Não professava o mestre ferrador igual *sympathia* por todos os instrumentos.

Havia um, oh! maravilha das maravilhas! para que elle se sentia atrahido: o rabeção...

Este tinha-o feito vibrar qual canna verde, quando pela festa da padroeira, ao proferir o padre o «*Gloria in excelsis*», rompia no côro da igreja matriz um sólo, que a todos os fies deixára embacados... de susto!

Recolhendo a casa, depois da labuta diaria, Jeremias tomava á pressa qualquer refeição e ei-lo com o arco em punho, prompto a tirar vibrações do contra-baixo que adquirira.

Como musico de *verdad*, traduzia tocando, todo o sentimentalismo da sua alma de ferrador...

Não sabiam os visinhos apreciá-lo, antes o detestavam por lhes perturbar o somno.

Não se conformavam com aquelle passar d'arco por corda tensa, que umas vezes lhes lembrava o zurrar d'um burro, outras o relinchar d'egua coberta e algumas um... ronco.

N'uma linda manhã d'Agosto, Jeremias dispunha-se a abrir a porta da officina e consultorio, quando alguém lh'o impediu, dizendo-lhe ter sido proclamado o descanzo semanal.

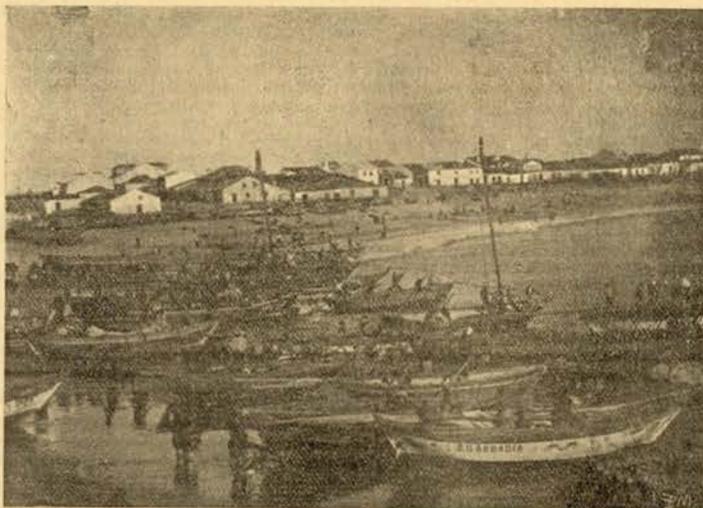
Refeito do espanto que tal noticia lhe causára, dirige-se o *doitôr* a casa, olha o rabeção com a lagrima no olho e despede-lhe a sentida phrase:—Meu unico filho! Deixo de gosar uma vez por semana o teu delicioso som; porém justo é que descances como eu. Não devo sacrificar-te em pró de alegria que só para

mim reverte.—E saindo, Jeremias apressa-se a comunicar á vizinhança a sua resolução.

Momentos depois, um grupo de visinhos entregava ao mestre ferrador uma mensagem de reconhecimento, ao mesmo tempo que um dos do grupo, botava falla, dizendo:—Se é certo que nos primamos de boa musica, não é menos certo que podemos dormir descansados, uma noite por semana.—

Jeremias soltando um ai, depois um soluço, agradeceu a manifestação e n'essa noite deixaram d'ouvir-se os sons estri-

Portugal pittoresco



POVOA DE VARZIM — ENTRADA DOS BARCOS DE PESCA
Photographia do Ex.^{mo} Sr. J. G. d'Oliveira

O AZULEJOS publica todas as photographias nitidas e feitas de pontos interessantes do paiz, que lhe sejam enviadas pelos seus estimaveis leitores.

dentes que só elle sabia arrancar ao seu instrumento predilecto.

JORZE

Jamais...

(N'UM ALBUM)

Achei o meu Destino, e perguntei-lhe um dia,
Se aquelle immenso amor que teve no meu peito
Um ninho de caricia e todo encantos feito
Partira para sempre, ou se inda voltaria...

Cavou-se-lhe na fronte um traço de ironia,
E disse-me n'um modo abrupto e contrafeito:
«O seu amor morreu, mas outro amor perfeito
Se pode alevantar da sua campá fria...»

E ás minhas illusões,—tornei—não lhes dá vida?
Não pode renascer tanta illusão perdida
Que a tua mão lançou na treva dos covaes?

O monstro riu-se então com riso de indiferença...
E n'um sombrio tom d'enfado e de descrença,
Apenas me fitou pr'a responder: Jamais!

1907.

ARTHUR SANCHES

HIPPISMO

Etymologia da palavra Picador

Professor de equitação, — picador, — em francez *ecuyer* — Em latim *equus nobilis scutarius, scutifer*. Titulo que designava a qualidade de fidalgo e que estava abaixo de cavalheiro. A palavra picador vem do latim *scutum*, ou de *scutarius, scutiger* ou *scutifer* por causa de serem os picadores que serviam os cavalheiros levando-lhes o escudo nos torneios ou na guerra. Outros julgam não ser esta a verdadeira etymologia, e que a palavra picador deriva de *equus* (cavallo) e que se dizia *equyers*, em latim *equisones*, esta personagem só cuidava das cavallariças. Outros emfim derivam esta palavra não só de *scutum* escudo, broquel, mas ainda de *scuria*, cavallariça porque os picadores tinham também de cuidar da cavallariça dos cavalheiros. O picador era também chamado escudeiro, porque, se não levava o escudo, levava as outras armas do cavalheiro. Era então um fidalgo fazendo o serviço militar junto de um cavalheiro antes de alcançar esta honra. Entre outras funcções elle tinha a de apresentar o cavallo com a sua armadura. Todos os heroes romanos eram acompanhados do seu picador; mesmo D.

Quichote tinha-o na pessoa de Sancho Pansa... Diz-se que a lei de Blois em 1579 foi a primeira que classificou a qualidade de picador como titulo de nobreza. Pasquier pertence comtudo que este titulo é muito antigo porque no tempo do imperio romano haviam dois exercitos, a um chamavam gentis, e ao outro picadores. Ammien e Marcellin dizem que esta gente era temível e que se julgavam invenciveis. Julien, o Apostata, teve em grande consideração estes exercitos durante o tempo dos Gaulezes. Segue-se d'ahi que os Gaulezes tendo conhecimento que os bravos exercitos romanos se chamavam gentis e picadores (gentiles e scutarii) deram também este nome aos mais bravos dos seus exercitos.

Picador diz-se d'aquelle que tem a seu cuidado o governo das cavallariças e dos cavallos do rei, dos principes (*stabuli magister*.) O grande picador era propriamente o do rei. Nada se dizia d'este titulo antes de Carlos VII. Havia unicamente os grandes mestres de cavalla-

rica no tempo de Philippe V, em 1320.

Este logar dava o direito de poder despôr das vagas da grande e pequena cavallarica e de todos os serviços dependentes. Pertencia-lhe o emprego das mudas, que foi extinto no reinado de Henrique IV. Nas primeiras entradas que o rei fazia nas cidades do reino ou cidades conquistadas, o grandê picador ia immediatamente adiante do rei levando a espada real na bainha e tambem assim procedia nas pompas funebres dos reis.

O picador é hoje entre nós aquelle que ensina a montar a cavallo, e que ensina cavallos debaixo de preceitos e regras de equitação, sabendo tirar bons resultados dos meios que emprega. O bom picador, não só deve saber ensinar cavallos bem construídos, mas tambem aquelles de constituição viciosa, afim de reparar pela arte o que a natureza desprezou.

Quanto peor conformado fôr, mais tacto é necessario para regular os movimentos, combater as resistencias resultantes da má configuração.

Nós temos ainda a palavra cavalgador que significa, cavalleiro, homem que monta muito a cavallo em francez *ecuyer cavalcadour*, é aquelle que é especialmente encarregado de vigiar as cavallaricas do rei; chama-se tambem *ecuyer de main* aquelle que dava a mão aos principes para os ajudar a subir para as carruagens. *Ecuyer courtier*, é o que está nas cavallaricas do rei; é um homem que não pode fazer mais do que um *piquer* e a quem faltam os titulos de nobreza, não podendo por isso ser nem picador de escola, nem de *main*, nem *cavalcadour*.

O ultimo *ecuyer courtier* foi Augustin discipulo da grande cavallarica de Luiz XV, esteve ainda nas cavallaricas de Orleans debaixo das ordens de Luiz XVI. Morreu em 1814.

Lisboa 30 de setembro de 1907.

JOÃO GAGLIARDI,

(Professor d'equitação)

Cumulos

Tirar um dente á bocca da noite.

Obter encyclicas de papas de linhaça.

Calçar luvas a uma mão de nabos.

O PIRATA

De pé no tombadilho do navio interroga o horizonte ennevado, o cabelo ondeante ao vento ouzado, que sopra do nordeste aspero e frio.

Quando apita á manobra, o olhar sombrio tem a calma do oceano abançado, mas á voz de abordagem, briha irado reflectindo o furor do mar bravio!

E' rei n'aquelle abysmo que o affaga ora caricioso, ora iracundo! adora a solidão, o vento, a fraga.

Pária do mundo, odeia o proprio mundo! renegado da terra, a rocha e a vaga são como seus irmãos no mar profundo.

MARCO SIRE.

Presentes do diabo

Qu'rendo o Eterno a'n dia á Hamunidade
Dar prova do amor que lhe votava,
Pôz-se a pensar se um prêmio lhe creava
Digno d'Elia e da propria Majestade.

Uma flôr produziu, de forma airosa,
A qual a côr cedeu do ethereo lume
Chamado Aurora, affim pôz-lhe perfume
E manda cá p'ra baixo a linda rosa.

Do Céu á terra a strada a rosa trilha:
Encontra Satanaz no seu caminho,
Que ao vêr tão delicada maravilha

Lhe diz em ar de môfa e tom 'scarninho:
«Completa inda não stás, oh minha filha...»
E deu-lhe de presente agudo 'spinho.

KIÉTUS.

Motte

Escriptos na vossa bocca.

GLOSA

Alma desta minha vida
Illuminae meu sentido,
Não queiras ver destruida
A vida que vos tem sido
Humildemente pedida.
Ponde de banda motejos
E desta minh'alma louca
Trocae accessos desejos
Senhora, dando-lhe os beijos
Escriptos na vossa bocca.

BENTO MANTUA.

SEMANA A LAPIS



...e, depois, mudar de roupa, por causa da chuva!...

—Da chuva não...da trovoada.

Semana Alegre

—Acabam de dizer-me que a ponte do Caminho de Ferro, no Pôrto, ameaça ruina. Será verdade?

—Oh! ainda bem, ainda bem...

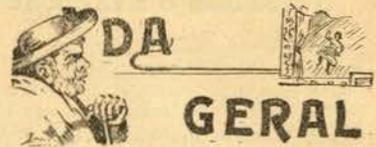
—?

—E'... que a minha sogra parte esta noite para o norte.

—Sabes... comprei hontem uma duzia de umas, bem boas e baratas.

—Umas! Não percebo... umas quê?

—Eu te explico: uma é igual a duas meias, que é o mesmo que um par de meias, logo, comprando eu uma duzia d'umas, comprei uma duzia de pares de meias.



THEATROS E CIRCOS

Theatro da Trindade—A Mulata, peça em 3 actos, versão de João Soller.

Para assistirmos a uma das primeiras representações de *A mulata*—e não da primeira, em que, por via de regra, tudo está indeciso, podendo dar ensejo a uma critica menos verdadeira—encantámos-nos para a bilheteira da Trindade, onde, batendo com os magros tostões sobre a gordurosa taboa, gritámos: uma geral.

Mandam-nos Deus e a nossa consciencia dizer que íamos um pouco de pé atrás, por termos lido as criticas dos jornaes, que, na maior parte, lhe eram pouco favoraveis.

Encontrámos por lá mau, bom e... antes pelo contrario.

A peça— e fez bem o traductor em a generalisar assim—não é nem carne nem peixe.

Estaria muito bem no theatro do Gymnasio, mas, como o *Valentin* da roca antiga, podia jogar as cristas com o *Mondragão* da roca moderna, depois haver uma guerra entre francezes e hespanhoes, houve o bom senso de ferrar com elle na Trindade. Para isso encaixaram-lhe uma musica, a martello e... zás, saiu uma coisa exquistita.

Aquelle côro d'abertura no 2.º acto é simplesmente horrivel: é de *despeja barril* (até lá tem pipas). Os coristas impingem a cantiga, que não vem a proposito, e... boas noites, saem sem nos deixarem saudades, porque os Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. homens, continuou a demonstrar-nos que são coristas e... portanto, de pau Não ha um gesto, uma expressão que acompanhe o canto... chão.

Se, acaso, não comprehendemos mal, ha na peça uma inverosimilhança. Como se explica que as mallas saídas no final do 1.º acto para serem levadas para o engenho da Mulata, depois vão apparecer nos quartos d'um hotel? O traductor que nos responda.

Não obstante a peça ouve-se sem aborrecimento, apesar da musica de Valverde, maestro consagrado, nos sair pouco vistosa e dar em mi-jarete, por ter alguns numeros falhos de interesse.

A encenação é boa. Achámos bem marcado o quinteto (salvo erro) do primeiro acto, bem como o duetto dos pretos, mas, em compensação, nada gostámos do coro de aversão e medo ao supposto acrata, que começa com um grande espalhafato, e, passados segundos, ninguém se importa com o terror que á letra continua a marcar. Tornam os Ill.^{mas} e Ex.^{mas} Srs. coristas homens a fazer-nos ver que... são coristas.

Musica bem ensaiada.

Das actores damos a preferencia a Conde que foi o unico que marcou a caracter o terrivel branco.

Em seguida veem Santeinhos que foi bem, Mathias e Gomes, o primeiro dos quaes deu, ao duetto em que entra, todo o realce e desempenhou com correção a sua personagem; quanto a Gomes fez rir a plateia, mas com exagero e apalhacando por vezes.

Pareceu-nos ter a preocupação d'imitar um seu collega que anda por terras *di lá*.

Das actrizes temos Amelia Barros que foi correcta e graciosa, bem como Emilia d'Oliveira. Maria Santos e Pepita d'Abreu não desmancharam, mas a esta ultima temos a dizer que a uma primeira figura não pode admitir-se no seculo XX, que venha desempenhar uma personagem de cor, calçando luvas pretas, para não se dar ao incommodo de pintar as mãos. A cutis não se estraga com facilidade, minha senhora, e a pintura tira-se muito bem com agua, sabão e uma escova.

E lá estivemos na geral.

ROMANOL.

Circos

Colyseu dos Recreios — Abriu as suas portas, ao publico, no sabbado, 28, esta vasta casa de espectaculos, apresentando uma completissima companhia, organizada pelo seu activo empresario, o sr. Commendador Santos.

Entre os varios e vistosos numeros, merecem particular menção os gymnastas voadores, Lorkford — the Lath Walter, o Trio Moel, La Table du Diable, surprehendente novidade em velocipedia.

CIRANDOLA THEATRAL

PORTO

Em ensaios:

Agua d'Ouro — *Luctas Liberaes* e a comedia em 3 actos *A força dos nervos*, que nos dizem ter bastante graça.

Carlos Alberto — Uma peça de grande espectaculo do empresario Miranda, com musica do maestro Roque.

Transcrevemos o engraçado contheudo d'um bilhete postal, que um amigo do Porto, enviou ao nosso gaçettilheiro Lamparina.

Bravo, seu méco! Bravissimo!
Gosto d'isso, sim senhor!
Um galeno — ai igiene! —
Feito falsificador

Tinhamos leite... de cal,
Vinho sem ser de tonel...
Só nos faltava mais esta!
"Azulejos" de papel...

Tal belleza d'ortalica
Ardo, de a ver em desejos.
Mande pois seu Lamparina
Já na grande os "Azulejos"

HUMBERTO BEÇA.

23-9-97

Vida Sportiva

Carta do nosso Director Sportivo e correspondente especial junto do Raid Hippico.

Uma grande excursão em bicycleta

Sahi pelas 5 horas, afinal; acompanhei até além de Tornada o galope do bello cavallo do concorrente sr. Cabral, que encontrei a cerca de dois kilometros das Caldas, e, deixando-o quando mudou o passo, transpuz uma arruinada ponte de madeira com o pavimento quasi completamente solto e empenado pelas torresiras soffridas. Tive a impressão de passar pelo teclado de qualquer piano infernal, por isso, percorria a *escala* toda, achei-me do outro lado em terra firme com uma certa satisfação.

Precisamente ao voltar a direita para começar a subir os meus conhecidos 6 kilometros do Alfeizerão, avisto a uns 300 metros, outro concorrente, sr. Silva Reis que acompanhava, apaeado, a sua montada. Na perspectiva de companheiro para a enfadonha ladeira não apei sem o ter alcançado, e, conversando, fomos trepano como quem tem pressa de chegar. Admirei a agilidade do meu companheiro que, pesando mais 30 kilos do que eu, e, contrariado ainda por certa reluctancia do cavallo em ser conduzido á redea, não afrouxava um passo, da minha marcha rapida em terreno conhecido. Quasi no alto, mais uma vez me deliciai e fiz notar ao meu companheiro a surprehendente belleza d'aquelle valle extensissimo, tão suavemente sustendo a distancia de nós o Atlantico e recolhendo quasi em circulo, a formosa hãcia de S. Martinho do Porto, que, observada da altura em que nos encontravamos e aquella hora precursora do poente, era bem de prata fundida, como dizem os poetas.

Chegados ao ponto culminante, começava para mim a descida, que devia ser rapida se aquillo se possesse chamar uma estrada.

Fazendo prodigios de equilibrio, e a minha pobre machina animando-me com provas irrefutaveis de resistencia, alcanço o meu amigo Carvalho da Silva, que descia ao passo caleniado mas muito largo do seu bello cavallo. Era noite e para não me despedaçar em qualquer barranco, acompanhei-o, trocando impressões até que, alcançados pelo sr. Silva Reis, e já em melhor piso, os deixei investindo com a escuridão e achando-me, eram 7^h e 20', em Alcobaça, onde dormi.

A's 4^h e 30' da manhã estava a caminho. Indiquei a dois concorrentes a sahida de Alcobaça e, com um pedalar quasi mathematico, favorecido tambem pela mysteriosa protecção que a noite dispensa aos cyclistas, mesmo experimentados, consegui, com surpresa, attingir Aljubarrota onde passei pelo sr. Silva Reis, que se me anticipara bastante na sahida, vencendo, assim, aquella legua de aspera ladeira, que eu contara, de mim para mim, fazer d'esta vez toda a pé. Mais meia legua de subida, porém mais suave, e em seguida caminho sem importancia até Leiria, tendo passado a uns vinte metros d'essa maravilhosa batalha que eu, passando rapido, beijo com um olhar de respeito, admiração e de saudade.

Não estou fazendo uma excursão, que o seria se *etapes* não estivessem sendo excedidas pelo ardor dos concorrentes. Empenhado em acompanhá-los, e incitado pelo entusiasmo communicativo da lucta que vou presenciando, pretendia sahir pelo meio dia, mas, a breve trecho, tive de acolher-me por não poder supportar o sol, que só pelas 3 horas me consentiu que proseguisse. A estrada para a Figueira é cortada por entre monotonos pinhaes interminaveis, e, feita na direcção que eu sigo, tem quasi sempre vento contrario, que prejudica o andamento do cyclista e o enfraquece.

Calor e fraqueza no viajante, portanto, fome e sede. Estava porem no dia do descanso semanal e o meu unico recurso foi mendigar um cacho de uvas e um pedaço de pão! Passei pelos srs. Beltrão e Callado, que me deram uma indicação acerca da recolha dos seus cavallos, e eu apressei-me a annunciar a sua proxima chegada bem como a dos srs. Ramos e Peixoto, que eu deixara a uma legua de Leiria.

Sahi pelas 5^h 30' da manhã para percorrer a linda estrada de Figueira a Coimbra.

Em certos pontos julgamos percorrer as ruas amplas de um bem tratado parque, de tal forma os arbustos vegetando abundantemente se entrelaçam e conjugam com o frondente arvoredo que borda a estrada, poetizada pelas numerosas pontesinhas rusticas, pelas quaes transpomos outros tantos ribeiros de vicinjas margens. Depois o Cheupal, á entrada de Coimbra, que é o encanto de todos quantos o tem gosado, e, por uma calçada inquisitorial, eis-nos na Athenas Lusitana. A's 5 da tarde sahi de Coimbra e depois da aspera ladeira do Sargento-Mór comeccei a ter noticias de terem passado Reis e Jára que attingi precisamente á entrada da Mealhada onde resolvi pernoitar. Este trajecto não tem nada de notavel, assim como d'aqui a Aveiro para onde parti na manhã seguinte, sendo este percurso feito rapidamente visto que não é muito accidentado. Ao meio dia sahi do hotel quando observei que tinha o primeiro furo n'um dos pneumaticos que foi reparado prontamente. Segui para Angeja passando o soberbo e afamado tunnel de verdura, de nomeada como a estrada de Almeirim, mas a meu vêr, tanto um como outro, sem comparação com a estrada de Reguengo, Vallada, Valle de Santarem, que se estende em igual formosura por uma quantidade consideravel de kilometros e que a grande parte dos cyclistas, que vão de Lisboa a Santarem, ignoram por completo, adoptando a aridez do trajecto pelo Cartaxo. Mais adiante Estarreja onde o meu motor teve a primeira panne — uma dôr n'um dente — carinhosamente tratado a chloroformio pelo pharmaceutico da terra que foi para mim de captivante amabilidade. Seguindo pelas 4 horas, levei meia hora a transpor um troço de estrada apenas esboçado entre pinhal e onde a machina sobre carregada se enterrava profundamente sendo quasi necessario tocar com os joelhos no solo para a poder obrigar a seguir lentamente. Passado este martyrio alcancei Ovar onde tive por companheiro á mesa do hotel o sr. Barão de Cadore, administrador do concelho e sogro do nosso mais completo *sportman*, sr. Mario Duarte, que de *etape* em *etape* nos faz tambem a surpresa de surgir junto de nós. Aqui pernoitei, e prevenido do horror do caminho sahi com antecedencia pelas 2^h 40' da manhã, não sem ter visto da janella, quando me preparava para sahir, a passagem do sr. Silva Reis que tendo viajado toda a noite protestára e conseguia corajosamente ganhar a *etape* do Porto. Foi uma viagem difficil a d'essa madrugada. A estrada de sahida de Ovar era impossivel, como impossivel era tambem o desvio de mais alguns kilometros que me indicaram, e que teve de ser feito todo a pé por causa das enormes covas cheias de areia. No ponto onde os dois caminhos se reúnem de novo encontrei carros de bois a cujos conductores perguntaria o caminho á sahida de Ovar, imagine-se! O meu divertimento foi os outros que peguei ás pobres mulheres que, sabe Deus d'onde, vinham carregadas de fructa e que avistavam este aventuroso de branco aquellas horas matutinas, empurrando uma enghooca a rumorejar — a roda livre.

Sumiam-se pelos vallados, voltavam me ás costas a benzer-se, quasi desmaiava! Depois, para as socegar eu tossia ou assobiava e então os ranchos roudejavam me perguntando d'onde vinha, se não tinha medo, se não vinha muito cansado, e riam, riam perdidamente a refazer-se do enorme susto. De repente a nevoa cada vez mais densa começa a encharcar como chuva e soccorri-me das polainas e grande capa de aleado, que transporto para me resguardar tanto quanto possivel. Constantemente tinha de apear-me para proceder á limpeza da luneta pois que embaciadas de todo me impediam de vêr a um palmo na minha frente, e assim cheguei a Espinho assim repassado da humidade. Passei ante Jára, Reis, Carvalho e Mendonça, com quem estive tomando um *petit déjeuner* gentilmente oferecido pelo sr. Mario Duarte e seus companheiros. Para o Porto estrada má e accidentalissima sendo a entrada inconcebivel, conhecendo a eu assim ha um bom par d'annos. Chamem-lhe a Avenida dos Torrões que fica muito bem designada a arteria que conduz á fonte. Com 400 kilometros dei entrada no Porto ás 9^h 45' da manhã.

O meu doente não me deixava, procurei o consultorio do eximio doutor dentista, sr. Alfredo Nazareth, na rua de S.^{ta} Catharina, o qual me dispensou os mais disvelados cuidados, e, tanta foi a sua pericia, que, apesar de não me garantir que eu podesse socegadoamente proseguir a minha viagem, por temer que sobreviesse algum abcesso, seguindo os seus bons conselhos melhorei completamente. Aqui lhe agradeço mais uma vez a sua amabilidade não consentindo em aceitar os seus honorarios por querer considerar-me fazendo parte do Raid e concorrer mais para o bom exito da grande prova.

Aquella noite passei-a, no entanto, ainda, bastante mal, e, sahindo tarde do Porto, onde á partida encontrei, d'esta vez, a outra roda avariada, tive de alojar em Vallongo, com grande inconveniente da subida do sol, que me transbordou immensamente na chegada a Penafiel pelas 2^h 15'. A recepção que me fizeram, foi affectuosissima e os distinctos cyclistas d'aquella localidade srs. Pacheco e um seu amigo levaram a sua condescendente delicadesa ao ponto de me acompanharem em seguida 11 kilometros por caminhos que eu desconhecera e que me facilitaram bastante o accesso de Amarante. Estes caminhos, na sua maior parte descidas deveras perigosas e que elles na sua pratica as percorriam descuidadamente, apesar de estradas de segunda ordem, eram mais transitivos do que outras de primeira que eu tenho percorrido.

Anoiteceu, e o luar vem tarde; n'esta correria após de quem não pensa senão em chegar depressa a Lisboa eu não sei por onde passo, mesmo ás claras.

Sei que subi uma rijissima pendente até ao alto de Pidra e depois desci vertiginosamente mais d'uma legua, mãos crispadas no guidão, prompto aos travões nas covas e nas curvas; olhos prescrutando avidamente a estrada procurando as variantes e os raros transeuntes. Ao apiar-me olhei um cyclometro que impassivelmente me indicava 463 kilometros de percurso.

J. COSTA BRAGA.

Regata de Cascaes

Realizou-se, no passado domingo, 29 de setembro, a annunciada regata de vela e remo, dedicada a S. A. o Sr. D. Luiz Philippe, pelo seu feliz regresso d'África.

Apesar da regata ter occupado a tarde toda, o programma não se cumpriu, no que respeita ás corridas de remos e escaletes automoveis.

Da de remos, realisaram-se, somente a do Real Club Naval contra o Oporto Brating Club e a de duas tripulações do R. C. N.

A primeira d'estas duas, era ansiosamente esperada, havendo muitas e variadas opiniões, sobre qual das duas tripulações venceria, o que era, na verdade, difficil de prognosticar.

No entanto, a tripulação do R. C. N. ganhou, por mais de dez comprimentos d'avanco, sendo entusiastica e prolongadamente saudada com vivas e hurrahs, pelas numerosas pessoas que assistiam á regata.

A tripulação do R. C. N. trazia uma substituição, por motivo de doença d'um dos remadores. Sobre as outras corridas, daremos noticia d'algumas mais importantes.

O «Maris Stella» de S. M. a Rainha D. Amelia, que ficou novamente com a Taça Vasco da Gama.

A «Vivandière» que ganhou á «Iris».

A «Palmira» que venceu a «Maria Luiza».

A canoa «Fatiniza», do sr. Winmer, que ganhou o 1.º premio, cabendo o segundo ao sr. Antonio Quaresma Vianna, que correu na sua esplendida canoa «Gavina III».

Houve tambem corridas entre canoas da picada, e escaletes dos diversos navios de guerra. A corrida de barcos automoveis não se realisou, por o estado do mar não permittir que elles chegassem a Cascaes.

Box.

VARIÉDADES

Bôlo Lamparina

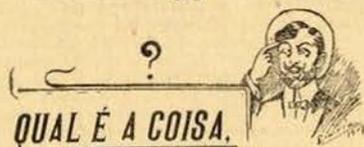
Tomem-se: 500 gr. de farinha de trigo, oito ovos, 375 gr. d'assucar fino, 500 gr. de boa manteiga, casca de Limão, flores de laranjeira picadas e agua. Amasse-se tudo, sove-se e estenda-se a massa da grossura de dois centimetros; colloque-se em seguida sobre papel amanteigado, côsa-se no forno e, depois de cosido, sirva-se, polvilhado com assucar pilé.

POSTA RESTANTE

Açnarepse, Vinicio—Tenham paciencia mas... não pode ser.

Estão fraquinhos, de rimas pobres e sem conceito elevado.

G. M. A.—A traducção está má, tem cacophonias e, por vezes, prosa rimada em palavras e phrases seguidas.



QUAL É A COISA.

QUAL É ELLA?

Devemos declarar, e por uma só vez, que não publicamos n'esta secção enigmas, charadas ou logogrifos que não possam encontrar-se nos dictionarios mais conhecidos, e que não estejam absolutamente correctos; o nosso intento é distrahir os leitores e não quebrar-lhes a cabeça.

Daremos preferencia a todos os logogrifos e charadas em verso, mas originaes do auctor do artigo e não feitos sobre versos de outrem. Estes serão rejeitados.

E' tambem possivel que nos enviem artigos já publicados; se tal caso se der, o auctor da graça será absolutamente posto de parte e da-

remos o seu nome com todas as letras para que fique conhecido.

Finalmente todos os artigos que nos enviarem deverão ser assignados com o verdadeiro nome do seu auctor, embora se publiquem sob pseudonymo. Os anonymos serão rejeitados sempre.

E não mais voltaremos a este assumpto.

Decifradores

Em concurso—*Luiz Almada de Lacerda (8), Litras (6), Manuel de Sousa, Carmide, (8), e Marianno Ribeiro (6).*

Fora do concurso—*Açnarepse—H. Saque.*

Decifrações do numero antecedente

Charadiceida — Pando — Marta, margota — Manes, marnes — Egua, auge — Morto — Sobre-meza — Alda — Quem empresta não melhora.

Logogrifos

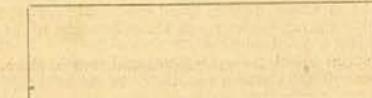
Móra longe, bem longe,
N'um logarsinho escondido, 6, 10, 4, 13, 11, 1, 8,
12, 13.

Vive só, mas não é monge,
E' popular, conhecido.—7, 13, 12, 13.

De Mahomet descendente,—5, 9, 2, 6.
Velho... p'la morte esquecido,
Passa os dias muito contente
Com uma planta entretido.—2, 6, 8, 3.

Bastar-vos-ha certamente,
P'ra decifrar tal mysterio,
Possuir conjunctamente
Paciencia e bom criterio.

J. L. P. F.

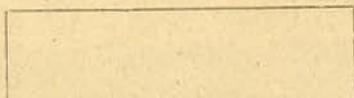


Rapido

Aqui
1, 2

Serra
3, 4, 5, 6, 7.
Crustaceo

J. L.

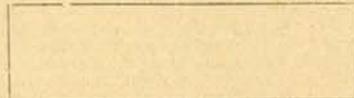


Charadas

Dupla

Vi um passaro na villa—3

AÇNAREPSE



Biforme

Do nariz para a bocca—3

REI DE SIÃO



Augmentativa

Apanha o peixe—2

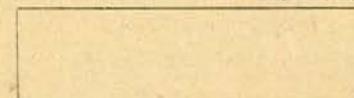
LIRÓ.



Em phrase

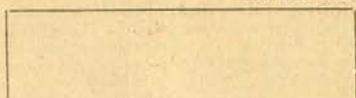
Sae da bocca vae para o mar e põe-se ao pei-
to—2—2.

REI DE SIÃO.



No céu da bocca está um instrumento—2—3

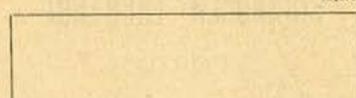
REI DE SIÃO



Novissimas

Aqui a vasilha abafa—1—2
Grita o grupo pela fazenda—2—2
A flôr corre pela enfiada—2—2

LIRÓ.

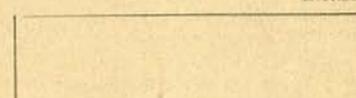


Enygmas

Paronymo

As divindades aterram o homem—2.

LITRAS.



Typographicos

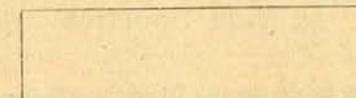
Nota nota reproduz nota.

AÇNAREPSE.



Q
BAR

GAMA.



Duplo

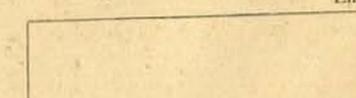
T
BA

ALPHA.



De palitos

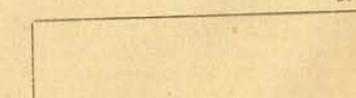
Tirando 9 palitos fica um instrumento
LIRÓ.



Por iniciaes

Q T A N D
I I 3 I 2

B. R.



Artigos a decifrar 16.

BICICLETAS INGLEZAS
VENDAS A PRESTAÇÕES



CASA VELO-PORTUGAL
J. da COSTA BRAGA - 21 RUA MARIA 23 LISBOA

BICICLETAS DAS MAIS MODESTAS AS DE MAIOR LUXO POR PREÇOS FACILITADOS
ASSIM COMO A CONDIÇÃO DE PAGAMENTO
SACRAL DE CASH E ALMOÇO-PAINA PRONTO E ALMOÇO-CARRO GRANDE

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de

"VELO-PORTUGAL"

vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmen-te adoptado, sendo copiada tanto quanto possivel.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguem imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, teem centenaes d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficara verdadeiramente surprehendido.

Solheita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a ver mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninquem a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas as de maior luxo por preços razoaveis.

Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pode garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferéncia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espalhafatosos, julgam tentar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por menos, e nada mais.

Todos os nossos esforços convergem exclusivamente para saber dar sempre o melhor que se possa fornecer pelo preço que o freguez paga.

ARTHUR GOTTSCHALK

Engenheiro

PALACIO FOZ-LISBOA

Teleg: Magneto

Telephone n.º 821

Installações electricas para luz e transmissão de força em cidades, fabricas, theatros, caminios de ferro etc. etc.

MACHINAS, APPARELHOS E LAMPADAS PARA ELECTRICIDADE

Ventóinhas electricas. Cabos aereos para telephonia e telegraphia, Para raios, telephones, campainhas.

As installações electricas feitas nas principaes casas de luxo tanto em Lisboa como nas demais cidades do reino são feitas por esta acreditada casa.

Pedir projectos, orçamentos, plantas e conselhos technicos á casa

ARTHUR GOTTSCHALK

PALACIO FOZ-LISBOA

"VELO-PORTUGAL"

SIMÕES BAYÃO

Consultorio Dentario

Doenças da bocca

Dentes artificiaes

Largo de S. Paulo, 19, 1.º

Assistencia dentaria

RUA DA VICTORIA, 60, 1.º

(Rua Augusta em frente da Casa Africana)

LISBOA

ANACLETO DE OLIVEIRA

MEDICO-CIRURGIÃO

R. S. Vicente á Guita, 22, 1.º

R. Xavier da Silva

Doenças da garganta, nariz e ouvidos

CLINICA GERAL

Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. L. M. Lilly Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, D.-Lisboa.

Retratos a Crayon a 2.000 réis

Carta a esta Redacção

RECEBEM-SE ENCOMMENDAS DA PROVINCIA

Alfredo Rebello

CIRURGIÃO-DENTISTA

Prothese dentaria

L. do Poço do Borratém, 39, 1.º

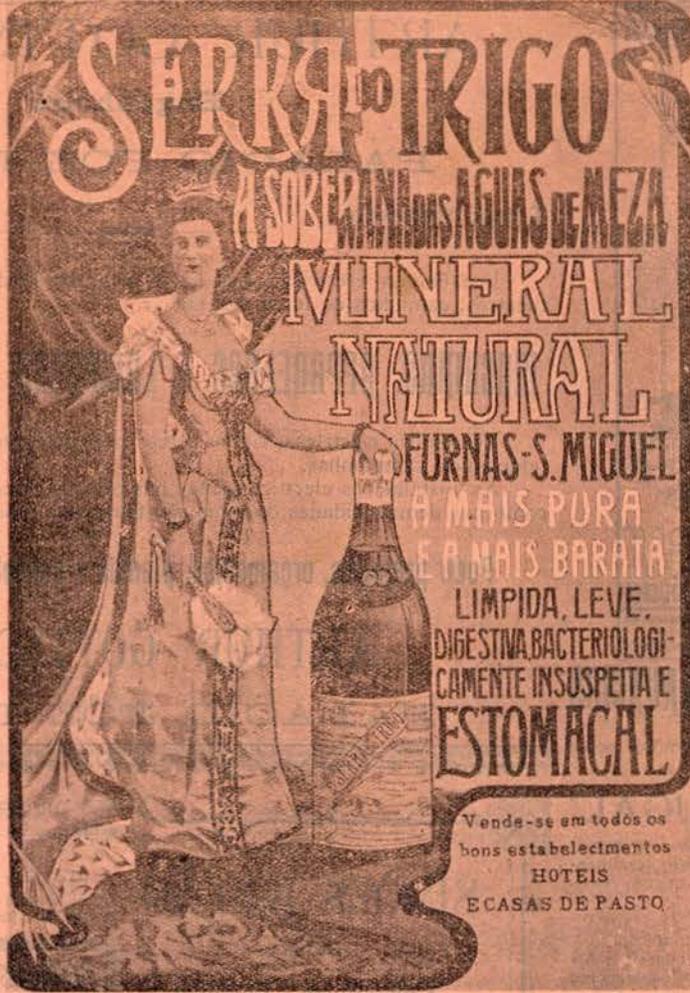
LISBOA

Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO

A Soberana das aguas de mesa

A MAIS PURA E MAIS BARATA

Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19
e Drogaria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace



Depositos Geraes em Lisboa: R. do Instituto Industrial, 19
e Drogaria Tavares, R. do Principe defronte do Avenida Palace

A MAIS PURA E MAIS BARATA

A Soberana das aguas de mesa

Bebam só a AGUA DA SERRA DO TRIGO

A LIBERAL

OFFICINA TYPOGRAPHICA

Proprietarios

Palermo de Faria & C.^{ta}

Trabalhos typographicos em todos os generos

Rua de S. Paulo, 216

LISBOA

Grandes Armazens do Globo Vermelho

» DE «

José Augusto Ventura

Especialidade em tecidos lisos e de phantasia em lã e algodão para vestidos. Sedas, Mantilhas, Espartilhos, Sombrinhas, Leques, Lençaria de seda e de lã, Chales, Meias e Plugas em seda e algodão, Malhas, Cobertores e diversos artigos de abafo, em phantasia e liso. Zephires e Panamás.

Camisas, Ceroulas, Punhos e Collarinhos. Sobretudos, Varinos e Capas á cavallaria.

Secções de Mercador, Alfayateria, Camisaria, Fanqueiro, Modas e Confeccões.

Secção especial de artigos para luto.

Fornecedores da Caixa de Soccorros dos Empregados da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

ALFAYATERIA DO GLOBO VERMELHO

Rua dos Fanqueiros, 209 a 213

LISBOA

SALÃO BRAZILEIRO

ALFAYATERIA

Alberto d'Oliveira & Almeida

TELEPHONE 1361

Fazendas nacionaes e estrangeiras

O MELHOR SALÃO D'ALFAYATERIA

Preços excepcionaes — Brevidade e excellente acabamento

Direcção technica a cargo d'um habil e conhecido contramestre

Executam-se todas as obras respeitantes a este atelier

RUA AUGUSTA, 270, 1.º

(1.º Quarteirão do lado esquerdo, vindo do Rocio)

Papeis de credito, cambios e loterias

VIERLING & C.ª LIMITADA

Endereço telegraphico: STERLING

NUMERO TELEPHONICO 611

41, Rua do Arsenal, 46 — 1, Esquina do Largo do Pelourinho, 3

LISBOA

BRASSERIE UNIVERSELLE

» DE «

João Manuel Rodrigues

14, L. de S. Julião (ao cantinho)

ALMOÇOS E LUNCHS

Coshina esmerada

Cervejas de todas as qualidades

LICORES E VINHOS FINOS

PREÇOS CONVIVATIVOS

Grillo & Sá

ARTIGOS DE PHOTOGRAPHIA

55 — Rua Nova do Almada — 57

LISBOA

GRANDE DEPOSITO

» DE «

MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA



FILTROS
CHAMBERLAND
SYSTEMA
PASTEUR

Os unicos para a absoluta purificação das aguas
Aprovados por unanimidade pela Academia de Medicina de Paris.

ACADEMIA DAS SCIENCIAS — PREMIO MONTYON — Exposição Universal de Paris, 1900 — 2 grandes premios — Classes III Hygiene Geral, IZI Hygiene Militar.

Os Filtros Chamberland Systema Pasteur, são os unicos que pela sua composição especial podem ser radicalmente esterilizados. Adoptados nos Hospitales civis e militares, Sanatorios, Lyceus, Institutos, Clubs e casas particulares.

J. L. DE MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias
R. Nova do Almada, 79 — LISBOA
NOTA — Remettem-se catalogos illustrados

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

AZULEJOS

Ao seu particular amigo Bento Mantua

VALSA

Luiz Anderson da Silva

Introdução *vivo* *Tempo de Valsa. lento.*

PIANO. *rall* *ligiero* *p*

p *un poco mais* *f*

Forz. affrett *meno*

al tempo

un poco meno *mf* *affrett. e cresc.*

meno *f* *masso* *f* *masso*

meno *affrett. e cresc.* *f* *al tempo*

ff

D. Cao Salé Fin

NO PROXIMO NUMERO:
IDYLLIO - Melodia de J. J. D'ALMEIDA